

MEU TIPO INESQUECÍVEL

Por Tom Clarke

HARRY LAUDER, o famoso comediante e cantor escocês, era o meu tio adotivo predileto. Costumava êle visitar-nos duas vêzes por ano. Sempre num domingo. No sábado a prataria era febrilmente polida e os móveis lustrados, colocavam-se mangas novas nos bicos de gás e as tábuas sobressalentes na mesa de jantar. Aromas tentadores vinham da cozinha.

No domingo o nervosismo ia em crescendo, mas para nós, crianças, o dia, infelizmente, era decepcionante. Eu e minhas irmãs éramos mergulhados às pressas no banho e despachados para a cama bem cedo. Ardendo de curiosidade no nosso quarto no último andar, ouvíamos as visitas chegando: bandos de tios, tias e amigos, todos no melhor bom humor. Por fim, baru-



lhentamente acolhido, chegava o próprio Tio Harry — com a sua agradável voz, se bem que roufenha e que provocava calafrios na espinha, e sua divertida maneira de falar, difícil de entender.

Não tardava que ouvíssemos os convidados entrar em tropel na sala de jantar. Era o pior momento: as pessoas crescidas parecem demorar uma eternidade para comer. Enquanto pe-

lejavamos para não adormecer, chegava até nós o som duma gostosa risada: na certa o Tio Harry contando anedotas.

Por fim, depois duma longa e cansativa espera, voltavam todos ao salão e não tardava que uns acordes preliminares no piano abolissem qualquer idéia de sono. Saíamos furtivamente do nosso quarto e descíamos as escadas para escutar, encantados,

aquela maravilhosa e alegre voz, cantando canções escocesas.

E, na escada, três cabecinhas marcavam o compasso.

A amizade entre Harry Lauder e meu pai, Denis Clarke, teve início quando o ator estava começando a aparecer. Em 1894, Lauder, que então contava 23 anos, trocou as minas de carvão pelo palco. Seu pai morreria quando êle mal contava doze anos, e o rapaz teve que descer às galerias das minas para sustentar a mãe viúva e a família. Costumava cantar para os seus colegas enquanto trabalhava. Persuadiram-no a tomar parte em espetáculos locais, em que havia concursos de canto para amadores. Dentro de algum tempo tornou-se uma atração, e os empresários pagavam-lhe para cantar o mesmo que ganhava num dia de trabalho árduo no fundo da mina.

Na primeira oportunidade abandonou o emprêgo para acompanhar um pequeno grupo de músicos, em *tournee*, na qualidade de carregador de bagagem, colador de cartazes e faz-tudo—tendo ao mesmo tempo um número no palco. Não tardou que assinasse contrato com meu pai, para o nosso Teatro Argyle, em Birkenhead. Foi um contrato para a semana que começou em 13 de junho de 1898, e êle recebeu quatro libras.

Harry Lauder tornou-se logo uma sensação, e Denis Clarke contratou-o por cinco anos. E assim começou uma série de contratos que iria estender-se por mais de 40 anos.

Em 1900 Harry Lauder foi tentar a sorte em Londres. Atraiu multidões que lotavam os teatros, cantando em três ou quatro *music halls* por noite, correndo dum para outro em fiacre.

Em breve sua fama se estendeu à América, onde um agente teatral de Nova York promoveu a sua primeira apresentação. Não foi bem recebido pela imprensa. Tendo lido um jornal de Nova York que o tratava de «bufão escocês que ousa intitular-se ator», êle não foi nada amável com os repórteres. Um dêles chamou-o de sujeitinho «azêdo», dizendo-lhe que, se não queria «ser recebido com completa frieza», devia mostrar-se mais tratável.

Mas depois de o terem ouvido, tanto a imprensa como o público mudaram de opinião. Em sua segunda viagem fascinou a América. Na noite da estréia, nessa segunda excursão, foi-lhe entregue um bilhete assinado por um escocês que viera do longínquo Klondike só para ouvi-lo. Depois do espetáculo, o homem contou que os inúmeros mineiros escoceses do Alasca, quando souberam que Harry Lauder vinha cantar na América, haviam organizado uma loteria. O contemplado teria tôdas as despesas pagas para ir a Nova York.

Para os escoceses espalhados pelo mundo, Harry Lauder trazia um sôpro da pátria bem-amada: em suas simples e sinceras canções havia o cheiro acre das urzes, a beleza das Highlands, a alentadora lembrança

da família. Nessas excursões que fez pelo mundo, Harry Lauder era, à sua inimitável maneira, o melhor embaixador da Escócia.

De sólida constituição física, com os ombros largos dos mineiros, Lauder parecia melhor do que nunca quando envergava o saio escocês. Usava-o sempre que podia—com a arrogância de que só um escocês é capaz. Tinha olhos alegres e cintilantes e um riso comunicativo que indicava um homem amante da vida e para quem o trabalho era uma distração.

Apesar de seu êxito, nunca descansou sobre os louros; seus cartazes de propaganda diziam: «Harry Lauder, Sempre Diferente!» E êle cumpria a promessa. Em seu trabalho só se satisfazia com a perfeição. Tudo o que fazia parte de seu espetáculo tinha de ser impecável. Ensaiaava durante meses para apresentar um novo número, até que cada gesto, cada inflexão, cada riso brejeiro e cada balanceio da retorcida bengala estivessem exatamente certos. Ano após ano apresentava uma corrente contínua de novas canções que alcançavam imediato êxito. A maior parte era de sua própria autoria.

Durante a Primeira Guerra Mundial ocorreu a grande tragédia da vida de Harry Lauder. No dia de Ano-Bom de 1917, meus pais encontravam-se em Londres no mesmo hotel que Lauder. De manhã, tomando café na companhia deles, estava dizendo que seu filho John ia chegar de licença, quando um mensageiro lhe

entregou um telegrama. Lauder abriu-o, e seu rosto tornou-se lívido.

—É John, disse, morreu em combate.

A morte do filho constituiu um golpe tão rude que, a princípio, Lauder teve a sensação de que nunca mais poderia cantar ou dizer uma pilhéria. Esmagado pela dor, foi para casa, em Dunoon, onde se encontrava sua esposa, Nance. Mas seu férreo autodomínio prevaleceu e, três dias mais tarde, voltava a Londres para retomar o seu papel na revista *Three Cheers* (Três Vivas).

Entrou no palco pilheriando e cantando, até que na canção patriótica *Os moços que combateram e ganharam*, chegou aos versos:

«Quando ficamos em volta da
lareira
E a mãe carinhosa beija o seu
filho...»

Cantar estas palavras era uma provação demasiada, e êle não agüentou.

Dêsse grande desgosto nasceu a célebre canção *Continua marchando até ao fim do caminho*. Falando um dia do esforço que tinha de fazer para continuar a viver depois da morte de John, empregou a expressão: «tereí de seguir até ao fim do caminho.» As palavras ficaram-lhe na mente e êle musicou-as. A mensagem de coragem e esperança contida nessa canção trouxe consôlo a muita gente.

Em 1919 foi agraciado com um título de Cavaleiro pelo Rei George V, tendo sido êle o primeiro artista

de teatro de variedades a quem foi conferida tal honra. O ator sempre fôra alvo das simpatias da Família Real. A primeira vez que foi ao Castelo de Windsor cantar para o Rei Eduardo VII, perguntou que canções o Rei queria ouvir.

—Comece pelo comêço, disse-lhe o oficial da côrte, Sua Majestade lhe dirá quando deve parar.

Certa vez, depois dum espetáculo no Teatro Palace, ao qual tinham assistido o Rei George V e a Rainha Mary, Harry Lauder despedia-se dum colega, na calçada.

—Boa-noite, George, e felicidades, disse para o amigo.

O Rei, que saía do teatro naquele momento, respondeu, voltando-se:

—Boa-noite e felicidades para você, Harry!

E entrou no automóvel real, rindo à socapa da cara espantada que fêz o ator.

Nos seus últimos anos, Sir Harry tinha grande orgulho da sua condição de Cavaleiro e ambicionava passar à história antes como cidadão preeminente, que beneficiara seu país, do que como um ator escocês. Mas no comêço da sua carreira explorou ao máximo o tema da avareza dos escoceses.

Nesse particular, um dos seus trotes mais divertidos foi inventado por êle juntamente com o seu empresário, Tom Vallance. A primeira vez que o presenciei encontrava-me tomando café com Lauder e Vallance na sala de estar dum hotel, regurgitante de gente. Lauder mandou um mensa-

geiro comprar dois jornais de um dinheiro cada, dando-lhe uma moeda de três dinheiros. O menino entregou os jornais e, certo de que Sir Harry ia deixar para êle o trôco, fêz meia volta. Lauder deixou que o rapaz se afastasse até ao centro da sala e depois deu um berro que me fêz pular de susto.

—Ó menino! Venha cá!

Quando o garôto estava ainda a uns metros de distância, Lauder gritou:

—E o meu trôco? Eu dei-lhe três dinheiros!

As conversas cessaram. Todos os olhos se fixaram sôbre nós, enquanto o ruborizado mensageiro entregava a moedinha e fugia para espalhar a história aos quatro ventos. Fiquei encabuladíssimo, pois era a primeira vez que assistia a essa piada, a qual, depois de alguns anos, eu viria a apreciar vivamente, pois fiquei sabendo que as vítimas dêsses trotes recebiam depois régias gorjetas—quando havia poucas probabilidades de que a história tivesse o seu efeito estragado.

Ao reventar a Segunda Guerra Mundial, em 1939, Sir Harry, então com 70 anos, já havia praticamente encerrado sua carreira, mas ainda assim decidiu que era de seu dever cantar e representar para os soldados. Durante cinco anos, com a sua pequena companhia de artistas, viajou por tôda a Escócia, cantando nos acampamentos e nos hospitais. Deve ter sido uma dura tarefa para êle. Escreveu-me nessa ocasião: «Estou

achando, Tom, que a Escócia é um país demasiado grande para ser percorrido por um velho como eu, viajando várias noites por semana, em *blackout*.»

Harry Lauder não voltou a dar espetáculos para o público, mas bem no fim de sua carreira gozou dum extraordinário retôrno de popularidade, quando a magia do rádio o tornou conhecido duma geração que nunca o tinha visto no palco.

No outono de 1949 foi atacado por sua derradeira doença, tendo morrido suavemente em fevereiro de 1950. Quatro dias depois, seus amigos reuniram-se na Mansão Lauder, para trazer-lhe o último adeus. Em pleno inverno, através do último nevoeiro escocês, fomos de automóvel pelos campos até à igreja da paróquia de Cadzow, em Hamilton.

Seguiu-se então uma cena que nenhum dos que se achavam presentes esquecerá. Quando o caixão vinha saindo da igreja, o órgão, num murmúrio semelhante ao da brisa soprando entre os pinheiros de Skye, começou a tocar *O fim do caminho*. O homem que estava a meu lado respirou fundo e seus olhos encheram-

se de lágrimas. O sentido dessa querida melodia tocou profundamente os nossos corações.

Atravessando de novo as ruas populosas de Hamilton e passando ao lado dos gigantescos montes de carvão da mina onde trabalhara, Harry Lauder fêz sua última viagem, em direção ao Cemitério de Bent. Em redor do seu túmulo centenas de coroas formavam um vasto tapête de flôres, símbolo da recordação afetuosa de amigos espalhados por muitas terras.

Ali de pé, junto ao túmulo de meu velho amigo, veio-me à mente a imagem dum rapazinho sentado nos degraus da escada com suas irmãs, à espera de que Tio Harry cantasse. A quantos milhões de pessoas, pensei, não proporcionou êle alegria com as suas canções, desde aquêles dias longínquos! Meu olhar caiu, então, sôbre o cartão que acompanhava a magnífica coroa enviada por Winston Churchill. Tive a sensação de que Churchill, em poucas e simples palavras, compusera a elegia de Harry Lauder; e ao voltar dali, o tributo do grande líder ecoava no meu coração: «Lembrança agradecida pela obra de uma grande vida.»

Para a antologia

QUANDO um estudante da Universidade de Tennessee recebeu um boletim com quatro reprovações e uma aprovação com a nota mínima, foi chamado à presença do diretor, que lhe perguntou se podia dar alguma explicação sôbre as *quatro* reprovações.

—Acho que perdi tempo demais com a outra matéria, foi a jovial resposta.

—*Journal*, de Knoxville, Tennessee